

Intervenção proferida pelo Deputado Duarte Freitas na Sessão Plenária de Junho de 2010 da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Exmo. Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Membros do Governo

O Turismo tem sido, e bem, considerado como uma das alavancas do desenvolvimento sustentado que se pretende para os Açores.

A verdade é que o sector do turismo tem vindo a crescer na Região e representa já hoje uma realidade incontornável, assumindo, a par da agricultura e das pescas, um dos tripés em que assenta a criação de riqueza nas nossas ilhas.

A aposta que se fez nos últimos anos tem certamente muitas virtudes e entidades públicas e privadas tem vindo a aplicar elevados montantes em infra-estruturas, na promoção e na angariação de clientes.

Pode contudo questionar-se acerca do custo de oportunidade desta aposta, isto é, se o esforço desenvolvido poderia ter tido outros e melhores efeitos.

E é nos momentos de crise que nos sentimos particularmente convocados para uma análise mais prudente e pormenorizada, considerando atentamente o balanço do custo/benefício das opções tomadas.

Sem ser a tese de fundo desta intervenção não quero deixar de vos transmitir a dúvida que sinto acerca da assertividade do caminho que temos vindo a trilhar, baseado numa concepção de turismo que talvez não seja a que mais se adequa a uma Região que não pode oferecer sol e praia e que, por isso, mesmo que quisesse, nunca poderia ter turismo de massas.

Muitos investimentos em hotelaria poderiam ter tido outra orientação, muitas verbas gastas para trazer turistas para os Açores poderiam ter tido outros fins e muitos investimentos em meios e estratégias de transportes aéreos e marítimos poderiam ter tido outro rumo.

Parece-me ser hoje evidente que muita da nossa hotelaria tradicional está a atravessar dificuldades, com taxas de ocupação muito baixas, com dificuldade em suportar custos fixos e sem vislumbrar soluções no curto prazo.

Poderão dizer que tal se deve à crise e que tudo irá melhorar amanhã.

É possível. Mas também é possível que tenhamos de enveredar rapidamente por outro caminho mais adequado às nossas características e potencial.

Os Açores são a cara do turismo de natureza e nesse aspecto alguma promoção institucional recente tem sido particularmente feliz.

No entanto, estas acções sugerem alguma dissonância com uma aposta no turismo de charters.

O turismo de natureza impõe uma capacidade de carga limitada da parte da oferta e busca segmentos mais qualificados na procura.

Poderá também perguntar-se se as verbas gastas na subsidiação de charters e as orientações estratégicas e investimentos consequentes que condicionaram a companhia área regional não terão impedido outro tipo de soluções mais sustentáveis?

Penso que a canalização de esforço e meios para melhores e mais baratos serviços aéreos regulares teria sido uma melhor aposta, desde logo para os residentes, mas também para o tipo de turismo que nos interessa.

Sr. Presidente

Srs. Deputados

Srs. Membros do Governo

Nas ilhas do Faial, Pico e São Jorge, o chamado Triângulo, o turismo no espaço rural, o turismo de natureza, tem vindo a desenvolver-se.

E tem vindo a desenvolver-se não especialmente porque existam orientações políticas neste sentido, até porque, embora o Prota diga que o Triângulo é uma realidade que importa potenciar, o Plano de Turismo passa completamente ao lado desta realidade, mas tem vindo a desenvolver-se, dizia, porque os agentes locais sentem ser por demais evidente que nestas ilhas a proximidade geográfica e a diversidade natural são uma manifesta mais-valia.

Nas Jornadas Parlamentares que o PSD promoveu na Ilha do Pico foi patente a necessidade de olhar para o Triângulo como um valor acrescentado para estas três ilhas, mas também para os Açores.

O Triângulo soma aos Açores, desde logo a nível turístico, mas também a nível sócio-económico, se entendermos esta realidade como um espaço geográfico onde vivem mais de 40.000 pessoas.

Mas se, para o turismo, interessa projectar um Triângulo de diversidade paisagística e onde se vivencia verdadeiramente o sentimento arquipelágico, interessa

também para este sector, mas também a todo o nível, que se criem condições de continuidade territorial que só as ligações marítimas permitem tanto quanto à razoabilidade dos preços como à facilidade de movimentação.

Dentro do Triângulo tem de haver transportes marítimos numa base permanente, como agora existe, mas também com a qualidade segurança e conforto que se exige nos dias de hoje, tanto para os residentes como para quem nos visita.

As viagens entre o Faial e o Pico continuam a fazer-se basicamente como se faziam há 20 anos, tanto nos meios de transporte, como nas estruturas portuárias, e as viagens entre o Pico e São Jorge que, tem vindo a ser incrementadas, exigem investimentos inadiáveis nos portos.

O turismo no Triângulo adiciona ao produto turístico Açores e expressa já algumas características peculiares que devem ser anotadas, nomeadamente o despontar do empreendedorismo familiar que se concretiza em investimentos estáveis e criadores de emprego e de riqueza

e um turismo de pequenos números, mas de elevada qualidade, baseado em pequenas unidades hoteleiras trabalhando em rede horizontal e vertical com a animação e agentes de viagem.

Estes são fenómenos que provam que, mesmo numa Região em que, muitas vezes, em vez de a incentivar, se tenta condicionar a sociedade civil, por vezes esta sociedade civil descola dos equívocos e vai à frente dos poderes públicos, mostrando um caminho diverso daquele que por vezes lhe querem erradamente impor.

A este turismo de natureza, que se pode vender como turismo de saúde e de bem-estar, fruto das condições excepcionais que bafejam o Triângulo e todas as ilhas açorianas, é imprescindível associar uma política sectorial consequente e adequada.

Às unidades de turismo tradicional, mais ou menos urbanas, é preciso acrescentar uma aposta decidida no turismo rural, que aproveita o nosso potencial e promove a democratização do investimento em pequena escala e familiar.

Aos agentes de turismo, às agências e à animação é preciso acrescentar o incentivo à integração em redes que potenciem a criação de pacotes versáteis, quase por medida, para cada turista que nos visita.

À promoção do turismo de natureza é preciso acrescentar a redundância da saúde e do bem-estar, valores supremos de sempre e de hoje.

Ao mar que nos divide e nos embeleza é preciso acrescentar uma estratégia com pés e cabeça que comece na definição de modelos e acabe na construção de barcos e portos.

À distância que nos condiciona é preciso acrescentar meios de transporte e tarifas que favoreçam a vinda dos turistas que nos interessam e sirvam os nossos interesses de, também, viajantes.

Disse

Horta, Sala das Sessões, 16 de Junho de 2010